

2015: um ano de mudança, ativismo e direitos humanos

2015 foi um ano de mudança na Secção Portuguesa da Amnistia Internacional: novos desafios, novos sinais preocupantes de crescentes violações dos Direitos Humanos em todo o mundo, novas exigências de tornar a nossa ação mais visível, mais eficiente e mais alargada, envolvendo um número crescente de pessoas e ativistas, mobilizando esforços e vontades e canalizando o trabalho coletivo e a motivação individual de modo mais eficaz, mais profícuo e mais ágil, sempre em sintonia com a Missão e os Valores do movimento internacional. A Amnistia Internacional está a mudar, e a Secção Portuguesa provou estar à altura de corresponder de forma adequada a essa mudança, conciliando antigas práticas com novas abordagens e proporcionando novas respostas a novos desafios, revelando, deste modo, uma inegável capacidade de evoluir na continuidade, de se adaptar com novas soluções sem obliterar o esforço e o trabalho anteriormente desenvolvido.

Em 2015, ocorreu na AI Portugal uma quase completa renovação da composição dos seus órgãos sociais, como consequência das eleições ocorridas na Assembleia Geral Ordinária de 11 de abril. À nova Direção, que tomou posse no dia 18, coube prosseguir e completar o trabalho desenvolvido anteriormente, criando as condições para a continuação do processo de pleno alinhamento da Secção com as diretrizes do movimento internacional, nomeadamente através da implementação das Normas Fundamentais (*Core Standards*), o debate e consultas para a elaboração de um Plano Estratégico para os próximos quatro anos ou o alargamento da discussão, ainda em curso, sobre a reforma da governança (*Governance Reform*) do movimento. Tratou-se de um trabalho que exigiu um esforço suplementar de reflexão e análise e, igualmente, de articulação e comunicação quer com as instâncias internacionais da AI, quer com as estruturas e membros da Secção.

O trabalho de melhoria substancial de comunicação e relacionamento com as estruturas operacionais e os membros, numa tentativa de colmatar o que havia sido percecionado como uma deficiência sentida no passado, foi, aliás, uma opção estratégica assumida desde o início pela Direção: mais transparência, maior regularidade e proximidade nos contactos, criação de canais diretos de transmissão e receção de informações, dados, opiniões e sugestões, de modo a esclarecer equívocos, desanuviar mal-entendidos, captar *feedback* de experiências e ações, corrigir erros e prevenir a sua repetição. Foi nesse sentido que foi criada uma *newsletter* de emissão regular e agilizado o contacto direto mediante a criação de um endereço de correio eletrónico geral da Direção. Foram enviadas quatro *newsletters* para os membros, tentando partilhar as atividades da Secção e das suas estruturas operacionais, petições, temas, etc., assim como a realização de consultas sobre os processos de reforma a decorrer no movimento. Este novo canal de comunicação recebeu um *feedback* muito positivo, pelo que continuará a constituir uma forma de comunicação com os membros e estruturas. Assinalamos, igualmente, necessidade de melhorias, sobretudo ao nível da agilidade das nossas respostas.

A primeira, para todos os membros e estruturas, foi enviada em maio, e nela divulgámos uma consulta nacional sobre os Objetivos Estratégicos Globais, que já iam numa avançada fase de consulta, em preparação para o ICM 2015. Num universo de 1900 membros, apenas 148 participaram no preenchimento do formulário *online*, o que, ainda assim, não deixou de ser uma resposta positiva. Em resultado desta consulta, pudemos

detetar um consenso em torno dos cinco principais objetivos estratégicos como uma forma eficaz de criar impacto e de mudar a atual situação dos Direitos Humanos, com cerca de 84% de respostas positivas. 95% dos membros concordaram que a nossa organização é eficaz ao nível das ações e campanhas e na defesa dos direitos humanos de pessoas em todo o mundo. Apesar dos resultados encorajadores, a 29 de maio tivemos a oportunidade de remeter para a equipa internacional alguns contributos importantes, sobretudo ao nível do aumento da visibilidade das nossas campanhas, menos foco na angariação de fundos e mais no ativismo, mais e melhor compromisso com a educação para os Direitos Humanos.

A segunda *newsletter* foi emitida em junho e nela houve lugar a uma chamada geral para participação dos membros para a preparação do ICM 2015. A quarta e última de 2015, já em dezembro, foi acompanhada de um apelo à participação na elaboração do Plano Estratégico, com uma consulta subordinada à questão “a AI que queremos ter no final de 2018”.

O ano de 2015 foi fértil em momentos de reunião e partilha entre membros e estruturas da Secção. A juntar à Assembleia Geral Ordinária de 11 de abril, já mencionada, realizaram-se dois Conselhos Gerais. O primeiro, extraordinário, teve lugar a 25 de julho, no Porto, onde foram discutidos os assuntos em discussão na Reunião do Conselho Internacional (RCI / ICM). No dia seguinte, a delegação portuguesa reuniu-se para ultimar a sua participação. No dia 24 de outubro foi realizado um segundo Conselho Geral, que contou com a breve presença do jornalista Rafael Marques. Foi um Conselho Geral inspirador para todos nós e no qual foram partilhados importantes contributos para o Plano Estratégico e para a discussão da alteração dos Estatutos. Por fim, a 21 de novembro teve lugar a primeira sessão da Assembleia Geral Extraordinária, para reforma dos Estatutos da Secção. Tratou-se, sem dúvida, de um momento complexo, uma vez que a sua realização decorreu da necessidade de alteração do documento, de forma a torná-lo mais coerente com as Normas Fundamentais (*Core Standards*). A sua discussão, contudo, produziu um debate ainda pouco consensual, o que obrigou à marcação de sessões posteriores.

O 32º Conselho Internacional (*International Council Meeting - ICM*) reuniu-se entre os dias 7 e 11 de Agosto, em Dublin, Irlanda. O órgão máximo da organização juntou 400 delegados de todo o mundo, divididos em cinco grupos de trabalho (referentes à discussão de cada um dos objetivos estratégicos), *workshops*, sessões em plenário e diferentes reuniões. O encontro ocorreu num momento em que o mundo enfrenta enormes desafios em matéria de Direitos Humanos, como a redução da liberdade de expressão em inúmeros países, um aumento dramático de novos conflitos ou um maior número de pessoas deslocadas, impelindo a Amnistia a reagir em tempo real e a agir de forma cada vez mais firme e decidida. Talvez por isso os objetivos estratégicos da AI para os próximos quatro anos tenham sido aprovados por unanimidade, destacando o sentido de urgência de cada um dos temas. O Conselho Internacional foi um momento importante para os participantes, sobretudo para três membros da Direção que participaram pela primeira vez, sendo este também um momento importante de formação e capacitação.

Igualmente importante na capacitação dos membros da Direção para o desempenho das suas funções, em alinhamento com os processos de mudança que decorrem no seio do

movimento internacional, foi o acolhimento ao Presidente da AI Espanha, Alfonso Ramírez, a 15 de maio, que veio a Portugal para partilhar a sua experiência na direção desta secção. No dia seguinte teve lugar um *workshop* sobre governança, dirigido pelo mesmo.

A Direção assumiu, ao longo dos três trimestres em que conduziu os destinos da Secção, a sua missão de representar e de estar presente nos mais diversos eventos, ações e iniciativas relacionadas com a defesa dos Direitos Humanos, quer da própria AI, quer promovidas por entidades externas. Filipa Santos, da Direção, participou numa das reuniões do Conselho Consultivo do Mecanismo Nacional de Prevenção contra a Tortura (que a AI integra), que teve lugar em junho.

A situação em Angola, em especial os atropelos à liberdade de expressão e o caso dos 15 ativistas presos, que mobilizou a opinião pública portuguesa em boa parte de 2015, mereceu especial atenção. Estivemos presentes nas diversas vigílias e marchas que se realizaram em Lisboa entre julho e novembro. A 18 de setembro, a Direção esteve presente no debate na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, entre Rafael Marques, a eurodeputada Ana Gomes e o escritor José Eduardo Agualusa, que partilharam a sua visão sobre os desafios que Angola atravessa no que concerne ao respeito pelos Direitos Humanos, sobretudo ao nível da liberdade de expressão e de reunião, bem como o acesso a serviços básicos, como a água e a saúde. No dia 28 de outubro, a presidente da Direção liderou a delegação da AI que entregou na Embaixada de Angola as assinaturas resultantes da petição a favor dos 15 ativistas angolanos.

O tema premente dos refugiados mereceu igualmente a nossa atenção: a 28 de abril, estivemos presentes na ação, promovida pelo ReAJ no Cais das Colunas, em Lisboa, no âmbito da campanha #S.O.S. Europe; a 28 de outubro participámos num debate no *DOC Lisboa*, numa sessão dedicada ao tema e estivemos presentes na Semana da Tolerância, em Viana do Castelo, no dia 20 de novembro.

Noutras iniciativas relacionadas com os Direitos Humanos houve a registar igual presença da Direção da AI Portugal: a presidente da Direção fez parte do júri do IndieLisboa, contribuindo para a votação do filme “O Medo à Espreita”, de Marta Pessoa (Prémio AI) e “Naufrágio”, de Morgan Knibbe (Menção Honrosa AI), e participou na Curso de Verão de Direitos Humanos da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, no dia 2 de junho, promovido pela AI. No dia 16 de outubro, representou ainda a AI e os seus projetos de EDH no Seminário “Educar para participar – O Papel dos Direitos Humanos/Sociais na Promoção da inclusão”, em Vila Franca de Xira, numa iniciativa da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira e da APSDC – Associação para a Promoção da Saúde e Desenvolvimento Comunitário.

Estivemos presentes num debate sobre Direitos Humanos, que se realizou a 5 de novembro na Universidade do Minho. A 30, participámos na iniciativa, no Arco da Rua Augusta, “Cidades pela Vida – Cidades contra a Pena de Morte”. No dia 10 de dezembro, participámos na sessão de esclarecimento sobre a Amnistia Internacional e a defesa dos Direitos Humanos, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, organizado pelo grupo de estudantes da mesma faculdade. Por fim, prestámos a colaboração solicitada pelo Centro de Informação Europe Direct da Beira Interior Sul, com um artigo sobre Direitos Humanos e Governança.

Ainda no que diz respeito à ligação com as estruturas, registamos a participação da Direção em iniciativas como as do Núcleo de Braga – “concurso de fotografia”, em



setembro de 2015 e da nossa presença no MOSTRA-ME – Mostra de Documentários sobre Direitos Humanos, promovida pelo Grupo 19 de Sintra. Há que ressaltar uma nota de apreço perante a elevada quantia de donativos recolhidos pelo Colégio Moderno, que realizou um concerto solidário por forma a ajudar a AI.

Fazer o balanço de 2015 não é, naturalmente, tarefa fácil. Em termos financeiros, ao longo do ano, prestámos a devida atenção à nossa situação financeira, renegociando condições de contratos com os bancos e cuidando de diversificar as nossas aplicações financeiras. Reconhecemos como positiva a continuação da boa visibilidade da AI na comunicação social e na continuação do excelente empenho de todas as estruturas operacionais da AI, saudando, em especial, a reativação do Grupo de Juristas no segundo semestre de 2015.

Há que ressaltar um ponto negativo incontornável: a Direção constatou, logo que assumiu funções, que a Equipa Executiva se encontrava desmotivada e com dificuldades nos processos de comunicação interna. Apesar da tentativa de implementação de melhorias e de abertura ao diálogo, a Direção deparou com resistências à mudança, coincidindo com algumas falhas ao nível de gestão. No dia 4 de dezembro, Teresa Pina, que desempenhou funções de direção executiva nos últimos quatro anos, deixou a secção portuguesa, facto que a secção portuguesa lamenta, sobretudo numa fase crucial de planeamento para os próximos anos. Contudo, e apesar de todas as dificuldades internas registadas ao longo do ano, assinalamos como extremamente positivo o grau de dedicação da Equipa Executiva que, como poderemos registar pelo Relatório de Atividades 2015, não baixou o nível de exigência e de qualidade do seu trabalho, muito pelo contrário.

Registamos com apreço a relação estabelecida com o movimento internacional e o apoio que recebemos, desde início, por parte do *International Secretariat* e do *International Board*.

No fecho do ano que passou e no início do que agora se inicia, assinalamos um aumento visível da motivação da equipa, membros e estruturas da secção portuguesa, que apresentam a coragem necessária para os desafios dos próximos anos, com ambição para o cumprimento nos novos objetivos estratégicos, a nível nacional e internacional, contribuindo para defesa dos Direitos Humanos de todas as pessoas, em todo o mundo.

Assim, a nossa última mensagem é mesmo para os membros, ativistas e, em especial, às estruturas operacionais da AI Portugal, que são o motor da organização e que estão na frente na defesa dos direitos humanos. Que este relatório de atividades, referente ao ano de 2015, seja inspirador para todos nós, a fim de continuarmos o corajoso percurso que temos vindo a percorrer na secção portuguesa, tornando cada vez mais visível o nosso impacto na proteção dos direitos humanos.

Salvámos vidas

O coração da Amnistia Internacional são as suas campanhas. Planeadas, organizadas, assentes em investigação profunda junto de quem vê os seus direitos humanos negados ou em risco. Campanhas suportadas por milhões de pessoas que dedicam anos da sua vida em ativismo ou os minutos necessários para escrever uma carta ou assinar uma petição. E que, no fim, conseguem realmente fazer isto: Salvar vidas! Através de leis que

são criadas ou alteradas ou da pressão sobre governos para que estes não cometam ou previnam violações de direitos humanos.

Tudo isto, para atingir aquilo que nos move - pessoas que veem a sua liberdade ou o direito à vida garantido, vítimas de tortura que veem os seus torturadores levados à justiça e a reparação possível face àquilo que sofreram, os que procuram refúgio a serem aceites de braços abertos, mulheres que passam a poder decidir sobre o seu corpo, aquelas e aqueles que ganham o direito e a liberdade de viver o amor na sua plenitude, os que deixam de ser discriminados só por aquilo que são, aquilo em que acreditam ou de onde vêm.

Indivíduos em Risco

O ano iniciou-se com a notícia de que Raif Badawi, um *blogger* da Arábia Saudita, tinha sido condenado a 10 anos de prisão e a 1.000 chicotadas. Não hesitámos em mostrar a nossa solidariedade e, em fevereiro, juntámos mais de 30 ativistas numa vigília por Raif em frente à embaixada da Arábia Saudita, a que se juntaram milhares de assinaturas da petição em seu favor.

Na China, várias ativistas que haviam sido detidas por planearem eventos públicos para chamar a atenção para o assédio sexual nos transportes, foram libertadas em abril.

6 anos após desaparecimento de Juan Almonte Herrera, o Grupo Local 36 de Chaves foi à embaixada da República Dominicana entregar as petições e pedir esclarecimento sobre o seu paradeiro.

STOP Tortura

Foi grande o envolvimento no combate a esta realidade tão presente e tão próxima. O dia 26 de Junho, Dia Internacional de Apoio às Vítimas de Tortura, foi assinalado com o lançamento de um desafio. Que todas e todos pudessem “Correr contra a Tortura”, dedicando os quilómetros percorridos por desporto ou solidariedade à luta contra a tortura. Cerca de 300 pessoas percorreram 13.760 km, o suficiente para ir ao Uzbequistão (um dos países em foco) e voltar.

A bateria da tortura voltou a viajar, desta vez para Leiria, onde os espetadores do Festival Entremuralhas puderam ouvir e experimentar o som de uma bateria construída com instrumentos usados para torturar.

Da Nigéria, chegou-nos em maio a boa notícia de que Moses Akatugba, um dos casos adotados nesta campanha, foi libertado. O jovem detido em 2005 quando era menor de idade, torturado e condenado à pena de morte, viu mais de 800 mil pessoas a agir em sua defesa, mais de 44 mil só em Portugal.

O Meu Corpo, os Meus Direitos

Conscientes do ataque que continuamente sofrem os direitos sexuais e reprodutivos, não descansámos na luta para que todas e todos possam decidir sobre o seu corpo e sobre a sua sexualidade. A Irlanda, onde as mulheres e qualquer pessoa que as auxilie a realizar o aborto, podem ser condenados à prisão, continuou a ser uma das nossas prioridades.

Como prova do drama que a AI denuncia um pouco por todo o mundo, do Paraguai chegaram-nos notícias desesperantes de uma menina de apenas 10 anos que engravidou depois de ter sido violada pelo seu padrasto. Apesar de muitas secções da Amnistia, incluindo a portuguesa, e outras organizações terem pressionado as autoridades a autorizar o aborto, a menina acabou por ser obrigada a levar a gravidez até ao final.

As comunidades LGBTI continuaram a ser vítimas de ataques. No início do ano, apoiámos Elena Klimova, uma ativista que foi condenada a pagar uma multa pelo seu trabalho. Estivemos na rua e em Marchas de Orgulho LGBTI em Coimbra, Braga e Lisboa.

E celebrámos vitórias, como as notícias que nos chegaram de Mkhondo, uma comunidade na África do Sul que passou a ter, graças à nossa ação, maior acompanhamento médico às jovens e mulheres.

Refugiados

Aylan Kurdi: 2015 trouxe-nos este nome para ficar para sempre. A criança síria tragicamente afogada na costa da Turquia representou uma parte do sofrimento de quem foge da violência e da guerra e despertou milhares para esta realidade. Foi por Aylan e por todas e todos os que vivem diariamente o drama de quem tem de fugir das suas casas e do seu país que continuámos a ir para as ruas para mudar consciências e pedir maior proteção para os refugiados. Desde eventos de rua, ações fotográficas, logotipos humanos, marchas, corridas, passando por debates e conferências, ações digitais, lançamentos de vídeos, todas as ações foram importantes para ajudar a sensibilizar as pessoas para o drama dos refugiados.

Mais de 280 mil pessoas em todo o mundo pediram aos líderes europeus que protejam os direitos dos refugiados. A petição internacional, para a qual Portugal contribuiu com mais de 2 mil assinaturas, foi entregue em outubro na UE.

Pena de Morte

Num mundo onde tantos países continuam a recorrer à pena de morte, é essencial não deixarmos que este tema caia no esquecimento e uma das formas de o fazer é partilhando histórias sobre quem esteve condenado. Foi o caso de Curtis McCarty, que passou 19 anos no corredor da morte até ser libertado, e que participou em vários eventos promovidos e apoiados pela AI. Voltámos também a assinalar as “Cidades Pela Vida – Cidades Contra a Pena de Morte”, com a participação de 34 cidades em Portugal. Adotámos os casos de Ali Al-Nimr, condenado à pena capital por alegados crimes cometidos quando era menor, do poeta palestino e prisioneiro de consciência Ashraf Fayadh, também condenado à morte na Arábia Saudita e de Saman Naseem, condenado à pena de morte quando era menor por crimes de “inimizade contra Deus” e “corrupção na Terra”. Pouco tempo depois recebemos a notícia de que os dois últimos tiveram as suas penas comutadas e já não serão condenados à pena de morte.

CPLP

Angola

A liberdade de expressão e reunião em Angola foi um dos temas centrais das nossas campanhas. Assistimos com preocupação à detenção de 15 ativistas angolanos que estavam reunidos para ler um livro, à condenação a 6 anos de prisão de José Mavungo e à sentença de pena suspensa de Rafael Marques.

Estivemos presentes em 9 vigílias pelos ativistas angolanos em todo o país, ajudámos a organizar a manifestação de 14 de outubro que juntou centenas de pessoas em Lisboa, demos o nosso contributo em 4 debates sobre o tema, organizámos uma conversa aberta com Ana Gomes, Rafael Marques e José Eduardo Agualusa que contou com cerca de 200 pessoas, tivemos uma reunião com o Ministério dos Negócios Estrangeiros e entregámos na embaixada de Angola mais de 40 mil assinaturas pelos casos acima mencionados.

O trabalho da Amnistia Internacional contribuiu para que vários relatores das Nações Unidas pedissem a libertação e o fim da perseguição dos ativistas em Angola e para que fosse aprovada uma resolução no Parlamento Europeu com o mesmo pedido. Também o Grupo de Trabalho sobre as Detenções Arbitrárias da ONU pediu a libertação imediata e incondicional de José Mavungo. Os jovens ativistas foram, entretanto postos em prisão domiciliária no final do ano e continuam a aguardar o fim do julgamento. Rafael Marques continua a aguardar o resultado do recurso interposto em junho de 2015.

Brasil

Contribuímos para a campanha “Jovem Negro Vivo” com duas petições sobre violência e abuso da polícia contra as populações desfavorecidas nas favelas brasileiras.

Moçambique

Um *post* de Facebook a criticar a governação de Armando Guebuza (antigo Presidente da República de Moçambique), escrito por Carlos Nuno Castel-Branco e publicado por Fernando Mbanze num jornal, foi o suficiente para os levar ao banco dos réus. Em setembro, recebemos a notícia de que ambos foram declarados inocentes.

Maratona de Cartas 2015

172.550 assinaturas!

173 Escolas

33 Estruturas

Voltámos a quebrar recordes com a Maratona de Cartas! Estruturas, escolas, Escolas Amigas dos Direitos Humanos, ativistas individuais, todos incansáveis neste que é o maior evento de direitos humanos do mundo.

Os casos escolhidos refletiram as nossas campanhas: Rafael Marques, jornalista angolano sujeitado a um julgamento injusto pelo seu trabalho de denúncia de violações de direitos humanos; Yecenia Armenta, condenada à prisão no México através de uma confissão extraída sob tortura; Costas e o seu companheiro, um casal homossexual

agredido na Grécia, a quem até hoje é negada justiça; e as meninas do Burkina Faso sujeitas a casamentos forçados e a todas as consequências que daí advêm (gravidezes infantis, trabalhos forçados, violência dentro do casamento, entre outros).

Petições em 2015

Em 2015, conseguimos aproximadamente 265 mil assinaturas *online* e *offline*. Os casos dos 15 ativistas angolanos, Raif Badawi e Rafael Marques foram os mais mobilizadores.

Mudámos leis

Só com leis adequadas os direitos humanos podem ser garantidos. E mesmo que estas existam, é preciso garantir o seu cumprimento. A AI Portugal esteve sempre atenta, tentando influenciar nacional e internacionalmente a produção de leis e os órgãos que fiscalizam o seu cumprimento.

Sendo Portugal membro do Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas, não perdemos a oportunidade de pressionar o Governo Português para que este use esta sua qualidade para exigir e garantir o respeito pelos direitos humanos em todo o mundo, com destaque para os países de língua oficial portuguesa, como Angola e a Guiné Equatorial.

A nível nacional, mantivemo-nos atentos ao seguimento dado pelo Estado Português às conclusões da Revisão Periódica Universal a que Portugal foi sujeito na ONU em 2014. O impacto das medidas de austeridade, a tortura, os maus-tratos e o uso excessivo da força pelas forças de segurança e as condições das prisões continuaram a ser motivos de preocupação maior. Também a discriminação racial e a adoção por casais do mesmo sexo foram alvo da atenção da AI, tendo o Relatório Anual da AI, lançado já em 2016, refletido todas estas preocupações. Neste, é também de destacar a inclusão das limitações do direito ao acesso à justiça em Portugal, situação que a AI Portugal denunciou junto da Relatora da Independência de Juizes e Advogados da ONU e que esta veio a relatar.

Ainda junto da ONU, o Comité CEDAW teve em consideração as recomendações da AI Portugal sobre Mutilação Genital Feminina.

É de destacar ainda a realização de mais uma edição do Curso de Verão de Direitos Humanos, conjuntamente com a Faculdade de Direito de Lisboa, com a participação de cerca de 400 pessoas.

Mobilizámos milhares

Só a força conjunta de milhões de ativistas pode salvar vidas e exigir que os Estados respeitem os direitos humanos de todas e todos. Em Portugal, as Estruturas da AI são uma força crescente de ativismo renovado, criativo e apaixonado.

Em 2015, foram criadas 6 novas Estruturas, 4 Núcleos Locais e 2 Grupos de Estudantes:

- Núcleo de Braga / Núcleo da Covilhã / Núcleo de Elvas / Núcleo do Funchal / GE da Universidade Nova de Lisboa / GE do Colégio Moderno.

Estão ainda em aprovação 3 novos Grupos de Estudantes, em escolas do Entroncamento e Ovar. Assim, em finais de 2015, a AI Portugal contava com 47 Estruturas ativas (mais 3 em aprovação):

Tipo de Estrutura	
Cogrupos	2
Núcleo/Grupo Sectorial	3
Núcleo Local	10
Grupo Local	10
Grupo de Estudantes (Ens. Superior)	6
Grupo de Estudantes (Ens. Básico e Secundário)	16 (+3)
Total	50

Ações das Estruturas

- Direitos da Mulheres, refugiados e Educação para os Direitos Humanos foram destaque para o **Grupo 6 / Porto**. Na rua ou nas escolas de toda a região, sensibilizou e mobilizou centenas de pessoas para estas causas;

- O **Grupo 19 / Sintra** manteve a (boa) tradição. Já na 14ª edição, a Mostra-me: Mostra de Documentários sobre Direitos Humanos continua a trazer o melhor do cinema e dos direitos humanos, não só a Sintra como também a outros concelhos. Salas cheias, muita juventude e o envolvimento das escolas da região fazem desta uma iniciativa já de referência. Também o trabalho em EDH e o apoio aos Grupos de Estudantes e até a outras Estruturas merece destaque. O Grupo esteve, por exemplo, envolvido na campanha levada a cabo pelo Grupo 36 / Chaves, pela investigação ao desaparecimento do ativista dominicano, Juan Almonte Herrera.

- O **Grupo 24 / Viana do Castelo** está de volta à ação. Com novos membros e nova Coordenação, não se limitaram a arrumar a casa, e começaram já a sair à rua, com a participação na Semana da Tolerância e a adesão à iniciativa Cidades para a Vida – Cidades Contra a Pena de Morte e à Maratona de Cartas;

- Também o **Grupo 32 / Leiria** teve novo fôlego. Reativado em 2015, este foi já um ano de intensa atividade e de direitos humanos por toda a região. Na rua, nas escolas, nos órgãos de comunicação locais ou *online*, em todo o lado se pode encontrar provas deste trabalho. A presença no Festival Entremuralhas, com a Bateria Sons da Tortura, a ação de rua de apoio aos refugiados, a presença em escolas ou ações inovadoras como o vídeo de vox-pop (com mais de 2.500 visualizações) onde desafiaram a população leiriense a dar a sua opinião sobre o drama dos refugiados, mostram que Leiria não vai ficar indiferente aos direitos humanos em 2016;

- O **Grupo 35 / Coimbra** conseguiu não só manter aquilo a que habituou toda a secção, como ainda ir mais além em muitas áreas. Abraçaram o trabalho em EDH, melhoraram as ações de rua, aumentando os níveis de adesão e impacto e marcaram tendências nas redes sociais, com estratégias de trabalho adequadas a cada uma. São hoje, inegavelmente, uma das entidades mais credíveis e requisitadas no que toca ao ativismo e aos direitos humanos na cidade. Também como celebração deste facto, resolveram deixar uma marca para o futuro. Para assinalar a Cimeira do Clima, o Grupo quis contribuir para um desenvolvimento sustentável, levando dezenas de pessoas a plantar 200 árvores de espécies autóctones, na Mata Nacional do Choupal.

Esta tendência para inovar e arriscar levou a uma das ações de rua mais espetaculares e bem-sucedidas do ano. Para a campanha SOS Europa, Coimbra pôde “assistir” ao drama vivido pelos refugiados, bem no meio da Praça 8 de Maio. A tanto e tão bom trabalho, nem Yannis Varoufakis, o ex-ministro das Finanças da Grécia resistiu. Presente em Coimbra para uma conferência, Varoufakis não resistiu a deixar a sua mensagem, através de uma fotografia, a apoiar a campanha pela libertação dos 15 jovens ativistas detidos em Angola.

- O **Grupo 36 / Chaves** afirmou-se ainda mais como uma das Estruturas mais ativas e impactantes da AI Portugal. Prova disto são os 30 artigos em órgãos de comunicação locais, as ações de rua sobre Pena de Morte, as caminhadas pelos direitos das mulheres e contra a tortura, as quase 5.000 assinaturas para a Maratona de Cartas, as ações inovadoras *online* e claro, o acompanhamento permanente do caso de Juan Almonte Herrera, ativista e defensor de direitos humanos da República Dominicana, desaparecido há 6 anos, que levou o Grupo de Chaves a ser recebido pelo Embaixador da República Dominicana em Portugal e a própria Ana Montilla, esposa de Juan Almonte Herrera, a acompanhar e estabelecer contacto com o Grupo.

Fosse em terra ou no rio, os ativistas de Chaves nunca deixaram cair no esquecimento as vítimas de violações de direitos humanos, como o comprovou a espetacular ação no Rio Tâmega na campanha SOS Europa.

É ainda de destacar a participação do Grupo em ações de outras Estruturas da AI Portugal, bem como o contacto próximo com Grupos Locais da Galiza, levando à participação de ativistas destes Grupos nas ações realizadas em ambos os países, como sucedeu na participação do Grupo de Chaves na Marcha LGBTI de Vigo.

- O **Núcleo de Braga**, criado em 2015, não demorou a implementar-se na cidade, mostrando uma capacidade de organização e mobilização invulgares. Tendo como grande prioridade os temas da igualdade de género e da violência sobre as mulheres, abriram-se às forças vivas da cidade reunindo várias figuras que, no dia 25 de Novembro, se juntaram ao Núcleo para dizer não à violência sobre as mulheres, num [vídeo com mais de 11.000 visualizações](#). O Professor Doutor António Cunha, Reitor da Universidade do Minho, Vítor Hugo, jogador de futsal do SC Braga e da Seleção Nacional, Carlos Resende, treinador de andebol do ABC de Braga e antigo jogador da Seleção Nacional, Rodrigo Sousa, capitão da equipa de hóquei em patins do HC Braga e Rui Bragança, atleta olímpico de taekwondo, foram alguns dos muitos que aderiram a esta iniciativa.

Contra a violência e a discriminação de género ou com base na orientação sexual, ou pelos direitos dos refugiados, o Núcleo de Braga não se calou e esteve em permanência na rua a exigir direitos humanos para todas e todos.

- O **Núcleo de Estremoz** manteve a vela da AI bem acesa no Alentejo. Com o seu apoio incansável aos Projetos Escolas Amigas dos Direitos Humanos e STOP *Bullying*, foram centenas os jovens envolvidos nas campanhas e na melhoria do ambiente das suas escolas. Exposições, ações de rua em solidariedade com os refugiados, a Maratona de Cartas e a já habitual adesão do município às Cidades pela Vida, Cidades Contra a Pena de Morte”, foram alguns dos momentos altos protagonizados por esta Estrutura;

- O **Núcleo de Viseu** continuou a ser a voz ativa pelos Direitos Humanos na região. Com um trabalho intenso nas escolas em todo o distrito, surgiram daqui dezenas de jovens ativista. Esta aposta em EDH atingiu o seu expoente máximo com os *workshops* para crianças desenvolvidos no âmbito do Festival Jardins Efémeros, um evento cultural que envolve toda a cidade. O Núcleo esteve também na rua a exigir liberdade para os ativistas angolanos e pôs dezenas de “atletas” a correr contra a tortura, em parceria com clubes locais.

- O recém-criado **Núcleo da Covilhã** levou os direitos humanos ainda mais para o interior do país. Das várias ações, destaca-se uma conferência sobre a situação dos refugiados, em colaboração com a Universidade da Beira Interior, que contou com sala, bem como a permanente dinamização da campanha O Meu Corpo, os Meus Direitos.

- E em 2015 chegámos, finalmente, à Madeira. O **Núcleo do Funchal**, criado já perto do final do ano, não perdeu tempo. Além do grande envolvimento na Maratona de Cartas, o Núcleo não se calou também perante a ameaça à liberdade de expressão em Angola e, no espírito de promoção dos direitos humanos, aproveitou as suas ações para distribuir abraços grátis no Funchal, espalhando assim esta corrente de ativismo.

- O **Cogruppo da China** manteve o seu trabalho de monitorização e ação sobre a situação de direitos humanos no país, intervindo em casos individuais (204 cartas-apelo enviadas), mantendo contatos regulares com a comunicação social, lóbi junto de entidades nacionais, bem como continuando disponível para assegurar ações de Educação para os Direitos Humanos (EDH), de onde se destacam o encontro tido com estudantes do curso de Língua Portuguesa da Universidade Lusófona (oriundos da China, Tailândia e do Japão) e a elaboração de uma proposta de manual sobre a Amnistia Internacional, de apoio ao trabalho nesta área.

- O **Grupo de Juristas**, estrutura sectorial fulcral no apoio ao trabalho da AI Portugal, reapareceu também renovado em 2015. Nova coordenação, mais membros efetivos, uma reorganização profunda e consistente e planos para o futuro foram o sinal de que esta estrutura marcará presença assídua e relevante nos próximos anos. Além deste processo interno em curso, o Grupo retomou já o seu papel ativo no apoio à Secção, através da emissão de pareceres, bem como marcou já presença no meio académico, através da

participação em conferências e congressos, com intervenções sobre, entre outras, a Mutilação Genital Feminina e a situação das pessoas refugiadas.

- A **ReAJ** continuou a levar os jovens ao ativismo pelos direitos humanos, com a criatividade e força habituais. Com presença permanente nas ruas, refugiados, direitos LGBTI e até a liberdade foram assuntos abordados por esta estrutura.

- Também os nossos Grupos de Estudantes envolveram milhares de pessoas na luta pelos direitos humanos. Envolvendo os seus colegas, professores e toda a comunidade escolar e até fora dela, foram, mais uma vez, grandes dinamizadores de inúmeros momentos de ativismo. A **Escola Secundária de Ermesinde**, com a sua dinamização da Maratona de Cartas, os *workshops* sobre Direitos Humanos ou a participação na Semana Pelo Combate à Pobreza e à Exclusão Social, o **Colégio de São Miguel**, em Fátima, com o seu concerto para celebrar o dia 10 de Dezembro, e uma viagem promovida pelos alunos à Polónia, onde puderam visitar campos de concentração e refletir sobre as consequências do ódio e da intolerância, a **Escola Secundária de Peniche**, e as suas ações e *workshops* a celebrar tantos dias importantes para os direitos humanos e a agir pelas campanhas da AI, ou o **Colégio Moderno** com as suas sessões de cinema ou os concertos pelos direitos humanos, são só alguns dos exemplos de como a juventude não está tão alheada do ativismo como se diz.

Nas universidades, a **Escola Superior de Saúde de Santarém** dinamizou ações na receção aos novos alunos e no dia da Escola, e saiu para a cidade, ao estar presente no evento desportivo Scalabis Night Race. Em Coimbra, a **Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação** tem marcado presença no trabalho pelos Direitos LGBTI. Já o recém-criado Grupo de Estudantes da **Universidade Nova de Lisboa** está já presente nas redes sociais, com uma acção bem criativa para chamar a atenção dos alunos, além de ter já promovido a Maratona de Cartas, para se apresentar à comunidade.

Encontro de Estruturas

O Encontro de Estruturas de 2015 decorreu em Coimbra, mais uma vez incorporado num fim-de-semana de Conselho Geral. Este contou com a participação de 42 ativistas de 15 Estruturas, de novo com grande destaque para os momentos de partilha e de formação, tendo estado presente Danny Vannuchi, *campaigner* do SI para a Campanha STOP Tortura.

Ativismo Individual

Ao longo de todo o ano foram centenas os ativistas que permitiram os avanços e a sensibilização constante para os direitos humanos. Desde os formadores em escolas, aos voluntários na Sede ou para ações de rua, passando pelos órgãos sociais, a AI é uma secção em constante movimento e até renovação. Para a promoção deste ativismo, foram realizadas 6 sessões para membros e outros interessados, em Lisboa, Funchal, Leiria, Viseu, Aveiro e no Algarve, com a participação de cerca de 120 pessoas.

Construámos o futuro (e o presente)

Encontro de Jovens

Com o inestimável apoio do Colégio Moderno na angariação de fundos que permitiu a realização do Encontro de Jovens, foi possível manter esta atividade, bem como testar novas ideias, promovendo novos *workshops* e uma maior ligação ao ativismo. Realizado no Estádio Municipal de Leiria com o apoio logístico do Grupo 32 / Leiria, este contou com 70 participantes de todo o país que durante 4 dias aprenderam mais sobre direitos humanos e sobre as campanhas da AI. Além disto, os dois primeiros dias foram totalmente dedicados ao ativismo, com *workshops* de expressão corporal e para aprender a falar em público, técnicas de face-to-face, organização de ações e de planeamento e empreendedorismo jovem, tendo-se assim conseguido capacitar mais de 20 jovens ativistas com novas ferramentas para continuarem a desenvolver o seu trabalho em Grupos de Estudantes.

Escolas

Ao longo do ano, a AI Portugal esteve em mais de 110 sessões, palestras e debates em escolas e outras instituições, a que terão assistido cerca de 8.000 jovens.

Escolas Amigas dos Direitos Humanos

O projeto Escolas Amigas dos Direitos Humanos (EADH) continuou a ser desenvolvido nas seis escolas aderentes: Agrupamento de Escolas do Levante da Maia; Escola Secundária Dr. Serafim Leite em S. João da Madeira, Escola EB 2,3/S Pedro Ferreiro em Ferreira do Zêzere, Escola Secundária Gama de Barros, no Cacém, Escola Secundária Professor Reynaldo dos Santos em Vila Franca de Xira e Escola Secundária Rainha Santa Isabel em Estremoz.

As atividades desenvolvidas em 2015 centraram-se em cinco objetivos: Promoção de participação ativa de toda a comunidade escolar nas questões da governança; integração de conteúdos de direitos humanos no currículo e atividades extracurriculares; promoção do trabalho em rede e visibilidade do projeto; promoção do envolvimento dos grupos e núcleos da AI; e participação nas atividades do projeto internacional STOP *Bullying*. Desde recomendações dirigidas às escolas, da produção de materiais de apoio para professores, à integração das temáticas de direitos humanos nos currículos, muitos foram os avanços conseguidos ao longo deste ano.

Durante 2015, registaram-se cerca de 9.000 participações em atividades decorrentes do projeto, sendo que mais de metade se deve à realização da Maratona de Cartas.

A promoção do ativismo relacionado com as campanhas em curso foi também um dos aspetos que se tentou incentivar. Neste âmbito, foi dinamizada a Maratona de Cartas em todas as Escolas integrantes do projeto, constituindo esta ação um momento alto de ativismo que abrange toda a comunidade escolar. Em 2015, foram recolhidos mais de 21.000 apelos e ações de solidariedade para os 4 casos selecionados, o que representa cerca de 12% do total de apelos recolhidos.

A crise dos refugiados também mereceu especial atenção, tendo-se convidado as escolas a dinamizarem iniciativas sobre esta temática. Quatro das escolas juntaram-se ao apelo global da AI para alertar os líderes europeus para a necessidade de agir. Durante abril e maio, cada escola desenvolveu iniciativas para relembrar a “crise do mediterrâneo” e alertar a comunidade educativa para o drama dos refugiados.

Outra aposta foi a promoção do intercâmbio de práticas entre escolas e outros interlocutores do projeto, o que resultou em melhores ferramentas de comunicação, bem como na realização de um Encontro de Professores Coordenadores e de um Encontro Nacional de Estudantes, este inserido no projeto STOP *Bullying*. Grande momento de destaque neste aspeto foi a participação de uma alargada comitiva portuguesa no Campo Internacional de Jovens realizado em Palermo (ver abaixo).

Um indicador que demonstra o interesse crescente no projeto é a manifestação de interesse em participar no mesmo que já outras 13 escolas demonstraram.

Projeto STOP *Bullying*

2015 foi o ano de consolidação do projeto, nas 6 escolas que nele participam. Com os objetivos de informar e formar os membros da comunidade escolar sobre o *bullying* e a discriminação, de encorajar a criação de um ambiente escolar seguro e de capacitar os jovens para a promoção da não discriminação, apostou-se fortemente em atividades de sensibilização e formação, na governança escolar e participação e no compromisso jovem, no ativismo e trabalho em rede.

Merece destaque a realização do questionário “Temperatura do *Bullying*, que permitiu traçar um diagnóstico sobre o assunto, identificando causas, bem como outras problemáticas associadas, como a existência, ou não, de apoio a quem é vítima. Este trabalho serviu para traçar planos de ação e recomendações a implementar nas várias escolas.

A formação foi uma tônica constante, tendo estado envolvidos 113 professores, pais e psicólogos, 22 ativistas da AI, 84 assistentes operacionais e técnicos, e 530 alunos ao longo do ano, o que garantiu um maior envolvimento de toda a comunidade escolar no projeto. Este terá sido também potenciado pelas abordagens participativas e dinâmicas introduzidas pela equipa de EDH da AI Portugal.

Isto não só permitiu um maior conhecimento sobre a temática, como levou, inclusivamente, os professores a reconsiderar as suas abordagens e metodologias sobre a mesma em sala de aula.

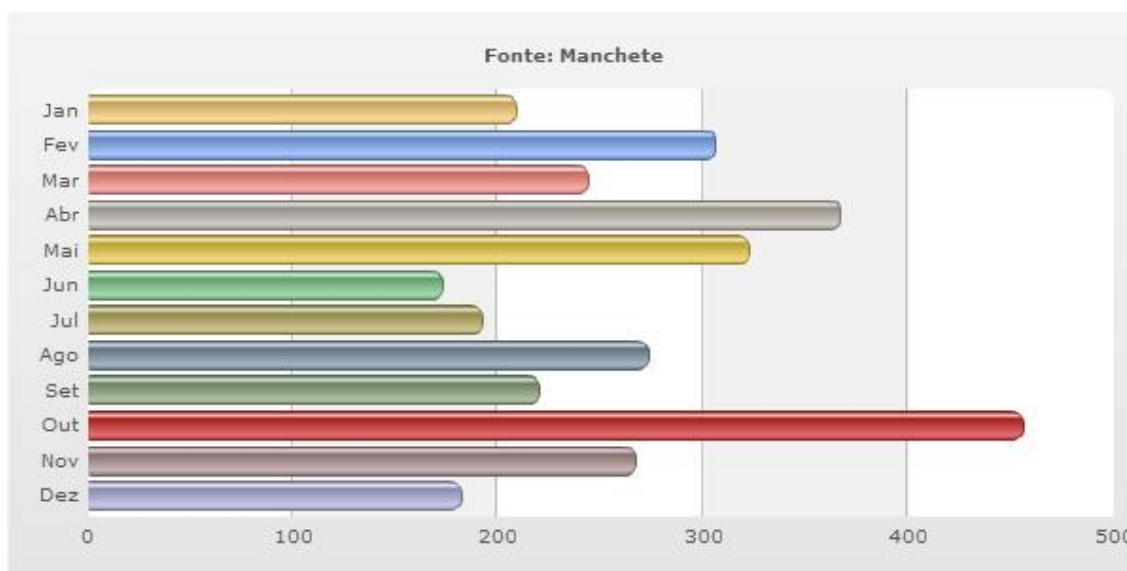
Grandes momentos de promoção do compromisso jovem e do ativismo e trabalho em rede foram a realização de dois encontros. Em Vila Franca de Xira, na Escola Secundária Dr. Reynaldo dos Santos, 58 alunos e 6 professores das 6 escolas participantes no projeto puderam partilhar e desenvolver ideias inovadoras para diminuir os indices de agressividade e discriminação nos espaços escolares, bem como partilhar o que se faz nas suas escolas sobre o tema.

Em Novembro, em Palermo, Itália, realizou-se o Campo de Internacional de Jovens do Projeto, com 34 estudantes e 17 professores dos quatro países envolvidos no projeto,

nomeadamente, Itália, Irlanda, Polónia e Portugal. Neste, procurou-se também a partilha de experiências e estratégias sobre o *bullying*, bem como desenvolver novas ideias e criar uma rede de contatos entre as várias escolas participantes.

Fazemo-nos ouvir

Visibilidade nos órgãos de comunicação social portugueses (registados pelo serviço de *clipping* no ano de 2015)



O ano de 2015 registou o total de 3.211 notícias (+ 50,9%) com referências à Amnistia Internacional nos órgãos de comunicação social portugueses monitorizados pelo *clipping*; Foram publicadas e transmitidas em 2015 mais 1.084 notícias do que no ano anterior. É de destacar o ganho de espaço editorial nas edições *online* e em papel com a publicação em 2015 de pelo menos oito conteúdos *premium* (cartas abertas e artigos de opinião assinados pela Amnistia Internacional). Os temas que mais tração geraram nos ocs portugueses foram a crise de refugiados, com particular enfoque na Europa, e a situação de direitos humanos em Angola, especialmente motivada pelos desenvolvimentos humanos e judiciais no processo dos 15+2 ativistas.

Site

(análise de dados métricos Google Analytics e Joomla)

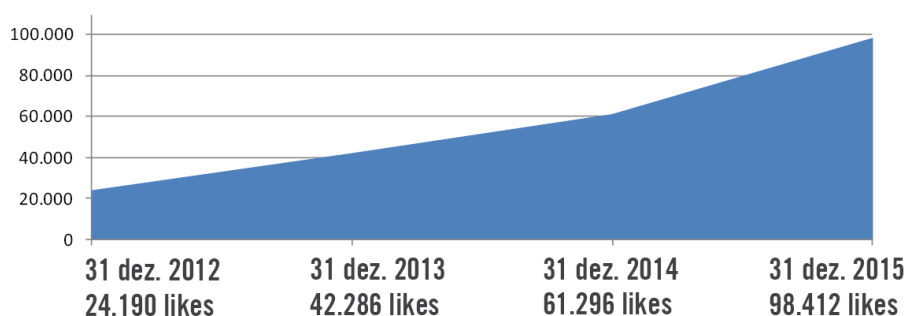
A análise dos dados do *site* da AI Portugal no ano de 2015 reflete uma curva de crescimento nas principais métricas anuais acumuladas de todo o *site* em comparação com 2014: o aumento no número de sessões (visitas) foi de 21,7%, no número de utilizadores foi de 18,7% e no número de visualizações de páginas foi de 19,9%.

	2015	2014
Visitas	378.402	310.806
Visitantes únicos	281.500	236.999
Número de páginas visualizadas	821.767	685.121
% de novas visitas	72,91%	75,37%

Redes Sociais



Facebook

Número de seguidores da página



O número de pessoas que começaram a seguir o nosso Facebook cresceu 60,6% durante o ano de 2015, mais 15% do que o crescimento registado no ano anterior. No final no ano tínhamos quase alcançado o importante marco dos 100.000 seguidores, que atingimos a 16 de janeiro de 2016.

Desempenho da página

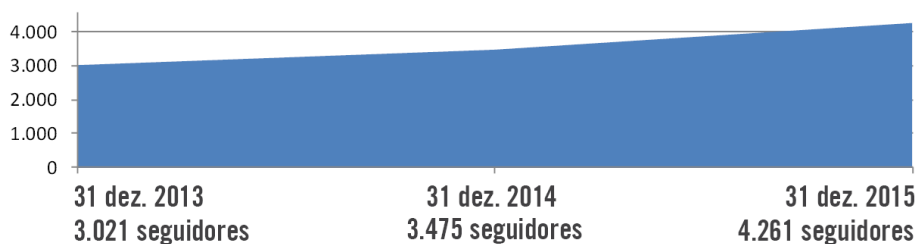
1º		<p>Petição pelos 15 prisioneiros de consciência detidos em junho de 2015 em Angola. Outubro de 2015</p> <p>1.897.365 pessoas viram o post 167.984 interagiram com o post 35.029 pessoas assinaram a petição <i>online</i></p>
2º		<p>Petição no âmbito da crise dos #refugiados, pedindo ação aos líderes europeus. Abril de 2015</p> <p>1.126.912 pessoas viram o post 81.152 interagiram com o post 10.780 pessoas assinaram a petição <i>online</i></p>

3º	<p>Amnistia Internacional Portugal Published by Cátia Silva (H) - April 15, 2015 · pt</p> <p>900 migrantes perderam já a vida no Mediterrâneo este ano, quando tentavam chegar à Europa. Um número 50 vezes superior ao de igual período de 2014. "Quantas pessoas mais têm de morrer para os governos europeus reconhecerem que esta manja de retalhos de recursos não chega?".</p> <p>A questão foi colocada pela Amnistia Internacional, numa altura em que o número de migrantes mortos no Mediterrâneo continua a aumentar vertiginosamente, provando aos governos europeus que falharam quando decidiram diminuir as capacidades de busca e salvamento. Mais em bit.ly/1FTVjvPH</p> <p>É URGENTE mudar as políticas de migração e asilo na Europa e proteger os migrantes no mar. Façam a vossa parte! Emocione-se agora para não termos de recordar estes números daqui a um século. Assinem a petição e partilhem > bit.ly/europa_refugiados</p>	<p>Notícia e petição no âmbito da crise dos #refugiados, pedindo ação aos líderes europeus.</p> <p>Abril de 2015</p> <p>993.792 pessoas viram o post 62.080 interagiram com o post 10.780 pessoas assinaram a petição <i>online</i></p>
----	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

No Facebook os *posts* mais vistos e que geraram maior interação, à semelhança do ano anterior, foram os que contêm petições e pedidos de ação. As três petições que maior sucesso tiveram nesta rede social - e que representam um pouco os temas que em 2015 estiveram em destaque na Amnistia Portugal - foram: o apelo pelos 15 prisioneiros de consciência detidos em Angola, a petição relativa à crise dos refugiados e o apelo por Raif Badawi, da Arábia Saudita. Cresceu também no Facebook o alcance médio de cada *post*, tendo-se conseguido quase todos os meses chegar, em média, a cerca de 30.000 pessoas com cada *post*.

Twitter

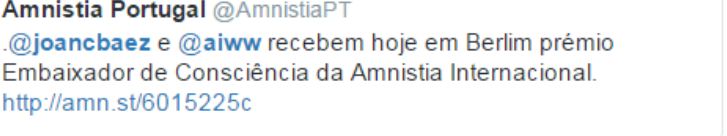
Número de seguidores da página



O número de pessoas que começaram a seguir o nosso Twitter cresceu 22% durante o ano de 2015, mais 7% do que o crescimento registado no ano anterior. A 10 de setembro de 2015 alcançámos o importante marco dos 4.000 seguidores.

Desempenho da página

1º	<p>Amnistia Portugal @AmnistiaPT Faixa pronta! A preparar a vigília de amanhã, por @raif_badawi, Lisboa. Junte-se e RT: http://bit.ly/VigiliaPorRaif pic.twitter.com/eHniL2jhU4</p>	<p>O <i>tweet</i> foi visto 7.375 vezes.</p> <p>Retweets = 22 Clicks no link = 10</p>
----	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------

2.º		O <i>tweet</i> foi visto 6.101 vezes. <i>Retweets</i> = 6
3.º		O <i>tweet</i> foi visto 5.792 vezes. <i>Retweets</i> = 4 <i>Clicks no link</i> = 6

No Twitter os *tweets* que mais foram vistos relacionam-se com dois temas: a vigília por Raif Badawi e a entrega do prémio Embaixador de Consciência da Amnistia Internacional, ambas ações realizadas pela Amnistia Internacional.

Ao longo de 2015, em média, os *tweets* da Amnistia Internacional Portugal são vistos, a cada mês, 47.500 vezes. A cada mês, em média, é também feito *retweet* dos nossos *tweets* 270 vezes, ou seja, é esse o número de vezes que a nossa mensagem original é replicada ao mês.

Emails

Ao longo do ano de 2015 foram enviados, em média, 2 *emails* todos os meses para todos os nossos membros e apoiantes. O maior ou menor envio de *emails* prende-se com as atividades desenvolvidas pela seção e com a pertinência das informações a divulgar. Para além dos *emails* gerais enviados para todos, foram enviados *emails* para membros e apoiantes de determinadas localidades promovendo ações de grupos e núcleos locais e *emails* específicos para pessoas que assinaram as nossas petições, dando novas informações sobre os casos. Desde maio de 2015 que foi ainda enviada uma Newsletter da Direção mensal a todos os membros.

Não distinguindo públicos, os *emails* enviados tiveram uma média de taxa de abertura, por pessoa, na ordem dos 22,7%, o que é muito positivo. Os *emails* com maior abertura foram as Newsletters enviadas pela Direção, recorde-se, dirigidas apenas a membros – a última teve uma taxa de abertura de 54%. No que diz respeito a membros e apoiantes, o *correio electrónico* aberto por mais pessoas referiu-se à vinda de um ex-condenado à morte a Portugal, Curtis McCarty (36% de abertura).

Trabalho com agências de publicidade

Em maio, a 28, por ocasião do aniversário da Amnistia Internacional, foi publicado um anúncio de página inteira no jornal Público relativo ao trabalho da organização. O anúncio foi proposto e concebido pela agência de publicidade Havas. O conceito inovador pressupunha uma interação com um objeto representando uma fonte de calor sobre uma superfície escura. Após a passagem era revelada a foto de uma situação de

violação de direitos humanos e o lema “Há 54 anos a mostrar o que muitos querem esconder”.

Revista AGIR

Em 2015 foram publicados três números com os temas: Maratona de Cartas, Liberdade de Expressão e Violência Policial. A revista é enviada para os nossos membros e apoiantes e distribuído na rua pelas equipas do Face to Face a quem se torna apoiante. Cada número é também enviado para cerca de 600 escolas em todo o país. Em cada número, nas páginas centrais seguem os postais relativos aos apelos mundiais e ainda um postal relacionado com as campanhas. No nº 11, para o manifesto da campanha “O Meu Corpo, os Meus Direitos” obtivemos 105 respostas. Na revista nº 12 foi pedido que devolvessem os apelos relativos à Maratona de Cartas de 2015 e tivemos 701 respostas. Ainda neste número voltámos a fazer uma ação de angariação de fundos colocando um postal com pedido de donativo para a Maratona de Cartas e também aqui a resposta foi positiva. Recebemos 665 euros de donativo.

Parcerias

IndieLisboa - Festival Internacional de Cinema Independente de Lisboa

Pelo 11º ano consecutivo, foi atribuído o Prémio Amnistia Internacional no Indielisboa. O júri foi composto por Sofia Lorena, jornalista (Público), *António Antunes, cartoonista* (Expresso) e Susana C. Gaspar, presidente da Direção da AI Portugal e elegeu como vencedor “O Medo à Espreita”, de Marta Pessoa, um documentário sobre os informadores da PIDE durante o Estado Novo. O júri atribuiu também uma menção honrosa ao documentário “Shipwreck” de Morgan Knibbe, que retrata os naufrágios dos barcos cheios de refugiados que chegam às costas de Lampedusa.

Fundação Serra Henriques – Prémio Amnistia Internacional no Indielisboa

Desde 2006 contamos com o patrocínio da Fundação para o valor monetário do prémio no Indielisboa.

Câmara Municipal de Lisboa – Comunidade de Sant’Egídio

No dia 30 de novembro realizou-se, pelo segundo ano consecutivo, a iluminação do Arco da Rua Augusta, em Lisboa como forma de marcar o Dia Internacional “Cidades Pela Vida-Cidades Contra a Pena de Morte”. Esta ação resulta da parceria entre a Amnistia Internacional, a Comunidade de Sant’Egídio e a Câmara Municipal de Lisboa.

Por ocasião deste evento esteve em Lisboa, a convite da Comunidade de Sant’Egídio, Curtis McCarty, um norte-americano que passou quase 20 anos num corredor da morte nos Estados Unidos, até ser exonerado em 2007, e que também participou no evento. Curtis participou ainda num *live chat* no Facebook, onde respondeu às perguntas dos seguidores da página da AI Portugal.

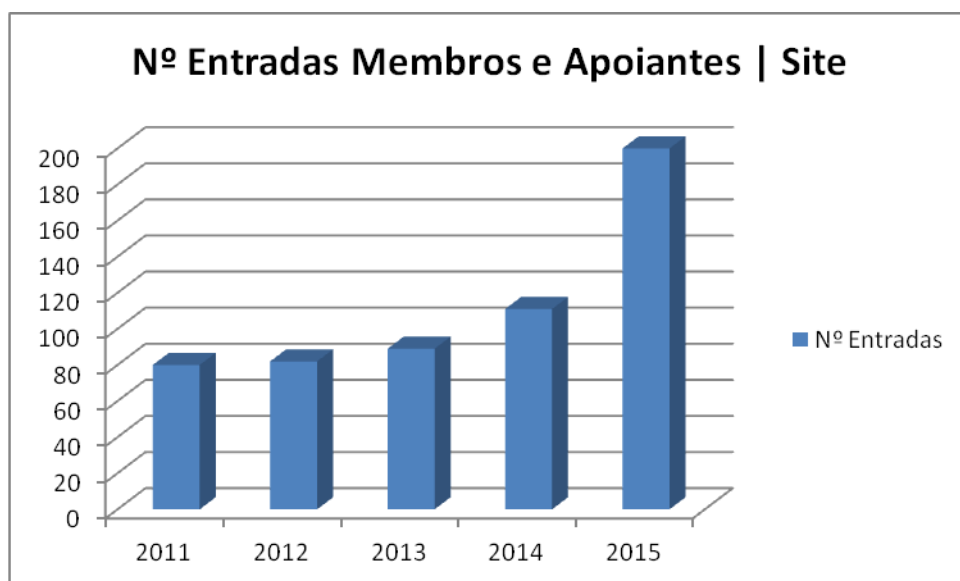
No dia 30 de novembro, em Portugal, 34 cidades declararam-se contra a pena de morte: Abrantes, Alvito, Angra do Heroísmo, Barcelos, Benavente, Braga, Cascais, Castro Marim, Celorico da Beira, Chaves, Coimbra, Esposende, Estremoz, Évora, Grândola, Lages do Pico, Leiria, Lisboa, Loures, Lourosa, Moimenta da Beira, Odivelas, Ourém, Ponte de

Sor, Porto de Mós, Póvoa do Varzim, Salvaterra de Magos, Setúbal, Sintra, Tomar, Viana do Castelo, Vila Franca de Xira, Viseu.

Garantimos sustentabilidade e transparência

Fidelização e Crescimento

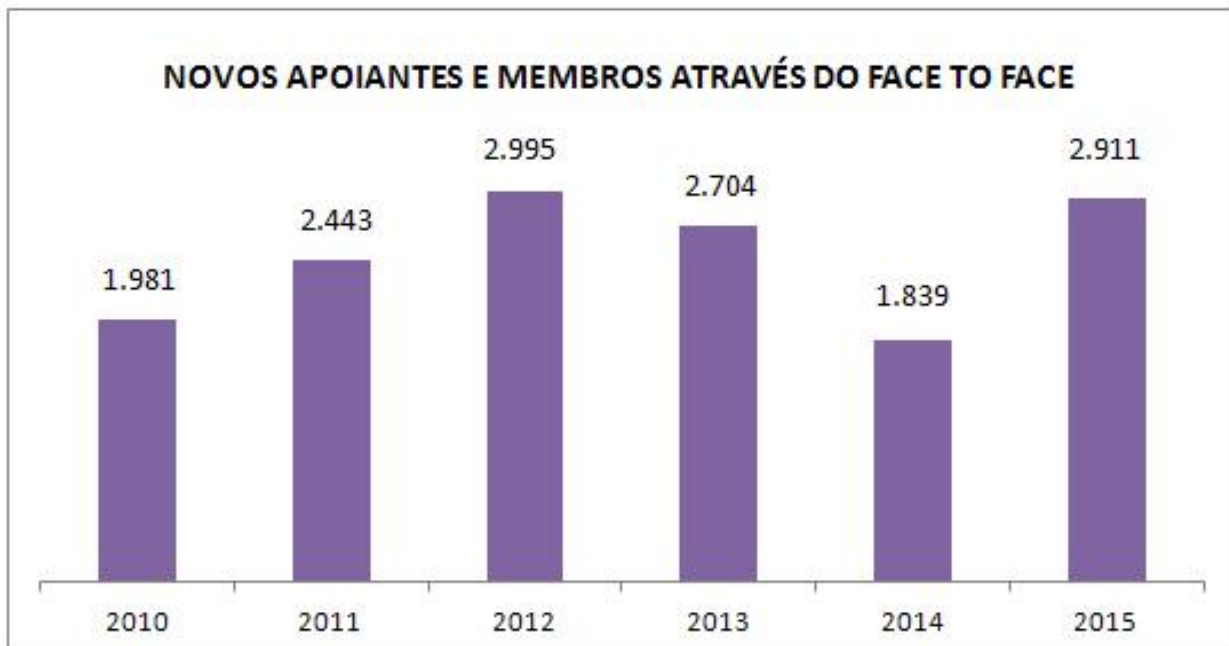
A Fidelização continua a ser uma das prioridades estratégicas da secção ao nível do crescimento. Como tal, continuamos a enviar um *kit* e *email* de boas vindas, a revista com as notícias da AI, assim como contactamos por telefone todos aqueles que optam por ajudar a AI. Os *emails* regulares para os nossos Membros e Apoiantes, a aposta na imagem e comunicação através do *site* e redes sociais passam por essa mesma estratégia, bem como o envio de prestação de contas, calendário de atividades, entre outros. Esta forte contribuição de várias áreas, além de fidelizar traduz-se também em crescimento. Em termos de *site*, o número de entradas (de Membros e Apoiantes) quase que duplicou, como poderemos ver no quadro seguinte, e em comparação com anos anteriores.



Face to Face (F2F)

Ao longo do ano de 2015, o projeto Face to Face decorreu em 5 cidades: Lisboa, Porto, Braga, Funchal e Coimbra. Contou com 67 recrutadores no total, e funcionou com 2 equipas fixas, distribuídas pelas 5 cidades, ao longo de 8 meses. Foi um ano muito positivo, tendo inscrito 2.911 apoiantes e membros, número que já não era alcançado desde 2012, superando o objetivo proposto para 2015 em 21%.

Garantimos também, um maior acompanhamento das equipas e mais formação sobre campanhas, ativismo e funcionamento da AI a todos os colaboradores.



Voice to Voice (V2V)

Em 2015, o projeto Voice to Voice deu passos mais sólidos para se afirmar tanto como um projeto de angariação de novos apoiantes, através de uma parceria com uma agência externa, bem como um projeto de relação e comunicação com os membros, doadores e apoiantes, através de uma equipa interna. Com estas duas vertentes, procurou-se ir de encontro aos objetivos do departamento de angariação de fundos: diversificar os métodos de angariação de novos apoiantes e membros, e garantir maior fidelização e envolvimento por parte de quem já nos apoia.

Para esses objetivos, realizaram-se no primeiro semestre diferentes testes de conversão de ativistas que assinaram petições no *site* da AI Portugal, em apoiantes regulares. Deste trabalho com uma agência externa, entraram no total anual 329 novos apoiantes. O objetivo para cada teste foi superado, garantindo um bom retorno de investimento, vindo assim reforçar a aposta neste tipo de angariação, já utilizada por outras secções da AI e outras organizações.

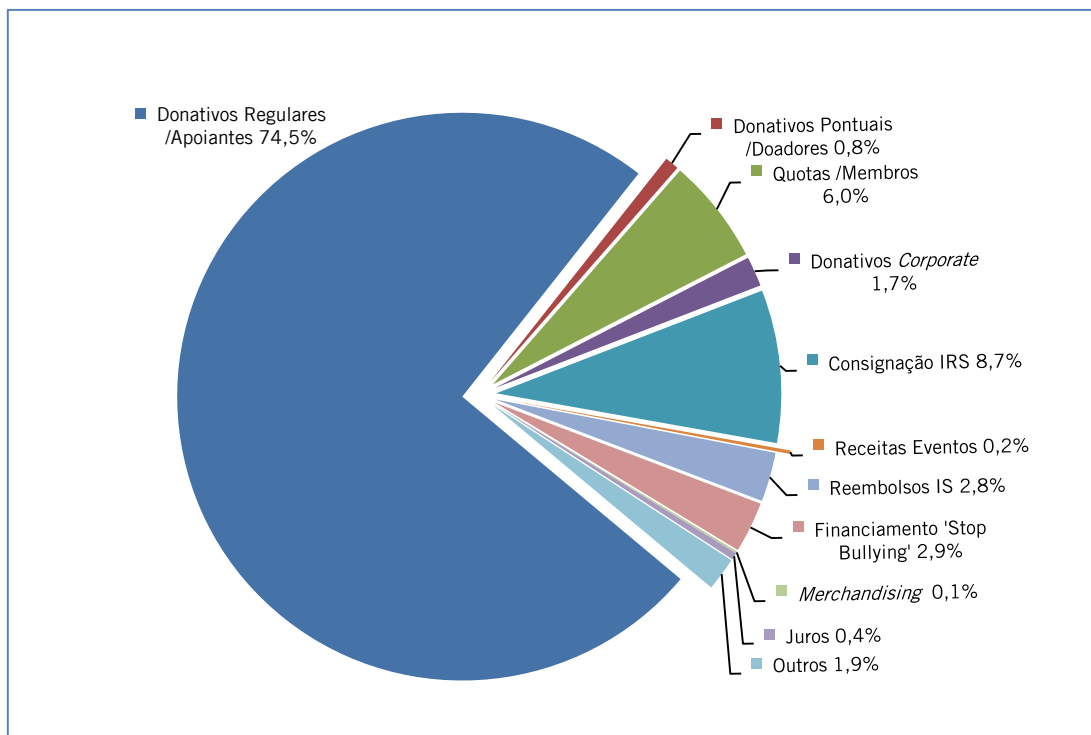
Ainda na parte de crescimento, continuou-se a trabalhar em parceria com o projeto face to face nos contactos aos formulários incompletos recolhidos na rua, trazendo assim mais 132 novos apoiantes.

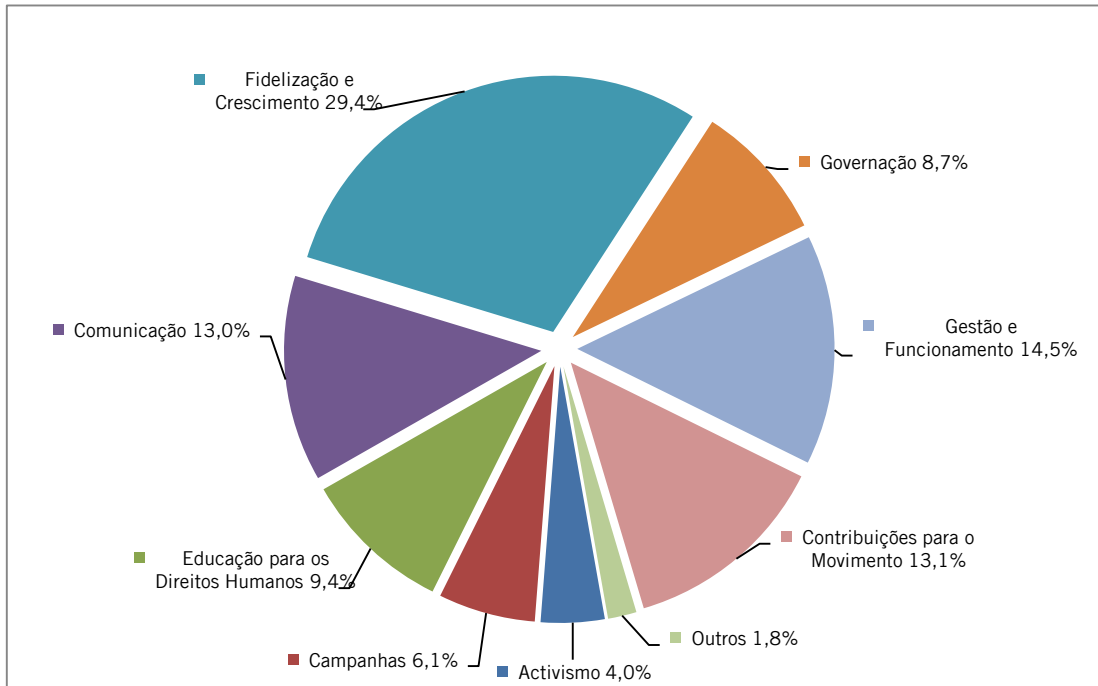
Na parte de fidelização, apostou-se nas chamadas de boas vindas, nas chamadas de aumento do donativo e nas chamadas de correção de dados, sensibilizando sempre para o ativismo através da divulgação das campanhas e ações de direitos humanos levadas a cabo pela secção.

Esta equipa presta também apoio administrativo ao projeto face to face e à gestão da base de dados, com a inserção e manutenção dos dados ou débitos mensais.

ÁREAS	CAMPANHAS	2013	2014	2015
NOVOS APOIANTES V2V	ENTRADA APOIANTES INTERNOS	26	24	3
	ENTRADA APOIANTES AGÊNCIA	-	42	329
	ENTRADA COMPLETOS F2F POR TELEFONE	51	65	132
	ENTRADA REINSCRIÇÃO	17	47	1
	TOTAL	94	178	465
ENTRADA DE MAIS RECEITAS	DÉBITOS RECUPERADOS	37	70	91
	UPGRADE * valor do aumento de donativo	83	67	116
	TOTAL	120	137	207
FIDELIZAÇÃO	WELCOME CALL	1.766	1.138	2.202
	CORREÇÃO DE DADOS	* não temos como contabilizar na base de dados		251

Relatório Financeiro 2015





	2015	2014
Donativos Regulares	661.882,88	601.419,40
Donativos Pontuais	7.500,19	8.029,59
Quotas	53.427,46	49.299,46
Donativos <i>Corporate</i>	14.761,30	10.049,18
Consignação IRS	77.499,96	70.590,00
Receitas Eventos	1.607,87	8.093,58
Reembolsos IS	24.813,34	24.442,11
Financiamento 'Stop Bullying'	25.763,36	9.800,00
Merchandising	1.140,96	1.953,69
Juros	3.252,22	14.570,42
Outros	17.121,62	3.817,64
Total Receitas	888.771,16	802.065,07
Ativismo	34.209,02	30.302,89
Campanhas	52.288,43	103.214,60
Educação para os Direitos Humanos	81.328,22	32.643,99
Comunicação	112.504,76	115.644,94
Fidelização e Crescimento	253.889,09	212.652,10
Governança	75.091,88	48.476,44
Gestão e Funcionamento	125.175,69	124.940,85
Contribuições para o Movimento	112.750,44	112.664,00
Outros	15.317,76	19.462,74
Total Despesas	862.555,29	800.002,55
Resultado	26.215,87	2.062,52



Responsabilização e Transparência

É uma preocupação constante da secção elaborar análises financeiras regulares e com algum detalhe, por forma a acompanhar as receitas e despesas, procurando sempre garantir a estabilidade que permita um trabalho eficaz nas ações e campanhas globais e nacionais, em prol dos direitos humanos.

Tal como em anos anteriores, as contas foram sujeitas a uma auditoria externa, por uma sociedade independente de Revisores Oficiais de Contas.

Após aprovação em Assembleia Geral, as contas são tornadas públicas, ficam disponíveis no sítio da AI Portugal e, no cumprimento dos deveres enquanto pessoa coletiva de utilidade pública, são remetidas à Presidência do Conselho de Ministros.

São, ainda, reportadas ao Secretariado Internacional da AI, designadamente através de relatórios trimestrais no âmbito do COCOA (*Common Chart Accounts*).

E, não menos importante, a informação financeira é disponibilizada aos membros e apoiantes da AI Portugal.